

23 ANÁLISE DESCRITIVA DOS CASOS DE RAIVA EM ANIMAIS SILVESTRES NO ESTADO DE SERGIPE, BRASIL, NO PERÍODO DE 1987 A 2014

ANTUNES, K. D.¹; MOL, L. P.²; ARCEBISPO, T. L. M.³; OLIVEIRA, T. M.³; BEGALLI, J. H.³; MATOS, J. C. C.⁵; DINIZ, S. A.¹; PEREIRA, P. L. L.¹; SILVA, M. X.¹

¹ Doutor(a) em Ciência Animal pelo Departamento de Medicina Veterinária Preventiva (DMVP) da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: kda_vet@hotmail.com.

² Médica-veterinária do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal do DMVP da Escola de Veterinária da UFMG.

³ Mestre em Ciência Animal pelo DMVP da Escola de Veterinária da UFMG.

⁴ Docente de Iniciação Científica na Escola de Veterinária da UFMG.

O ciclo silvestre da raiva é mantido ativo por várias espécies de quirópteros, de canídeos silvestres e de pequenos primatas, sendo por isso um grande desafio para os serviços de vigilância epidemiológica responsáveis pelo controle da transmissão da doença. No Brasil, atualmente os casos de raiva em cães estão diminuindo, no entanto, os animais silvestres continuam apresentando grande importância epidemiológica na manutenção de focos dessa zoonose. Este trabalho relata os resultados dos exames laboratoriais realizados para a pesquisa do vírus da raiva e efetuados em cachorros-do-mato (*Cerdocyon thous* spp.), morcegos hematófagos (*Desmodus rotundus*) e primatas (*Callithrix* spp.) no estado de Sergipe, Brasil, no período compreendido entre os anos de 1987 a 2014. Os diagnósticos foram realizados a partir de notificações de casos suspeitos de raiva examinados no Laboratório Central do Estado de Sergipe (Lacen), mediante a utilização das técnicas de imunofluorescência direta e inoculação intracerebral em camundongos. O Programa Epi Info 7.2 foi utilizado para a análise dos registros levantados na pesquisa. No período em questão foram examinados 935 morcegos hematófagos, 46 cachorros-do-mato e 24 primatas, e a confirmação do diagnóstico da raiva foi estabelecida em um morcego e 17 cachorros-do-mato; não foi registrado qualquer caso em primatas. Os resultados apresentados revelam que o vírus da raiva está presente no ambiente silvestre do estado de Sergipe e que existe a possibilidade da sua introdução em ambientes urbanos e rurais. Portanto, em Sergipe as ações de vigilância epidemiológica da raiva em espécies silvestres devem ser mantidas e consolidadas.

24 ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE RAIVA REGISTRADOS EM CÃES E GATOS NO ESTADO DE SERGIPE, BRASIL, NO PERÍODO DE 2000 A 2015

MOL, L. P.¹; ANTUNES, K. D.²; ARCEBISPO, T. L. M.³; MATOS, J. C. C.⁴; OLIVEIRA, T. M.³; BEGALLI, J. H.³; DINIZ, S. A.²; SILVA, M. X.²

¹ Discente do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva (DMVP) da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: laispmol@gmail.com.

² Doutor(a) em Ciência Animal pelo DMVP da Escola de Veterinária da UFMG.

³ Mestre em Ciência Animal pelo DMVP da Escola de Veterinária da UFMG.

⁴ Docente de Iniciação Científica na Escola de Veterinária da UFMG.

A raiva é uma enfermidade transmitida por mamíferos com quase 100% de letalidade. Cães e gatos fazem parte do ciclo urbano da zoonose e são importantes fontes de infecção da doença para os humanos. Os números de casos de raiva confirmados em seres humanos no nordeste do Brasil em 1999 e em 2009 são, respectivamente, 50 e 2, o que reflete o sucesso das ações de vigilância epidemiológica implementadas na região no período em questão. Este trabalho apresenta a análise retrospectiva dos registros de casos de raiva confirmados em cães e gatos no estado de Sergipe, no período de 2000 a janeiro de 2015, disponíveis no banco de dados do Laboratório Central de Sergipe (Lacen). Os gráficos e mapas foram realizados com o emprego do programa o Epi Info 7.2 e QGIS. No período em questão, dos 2.160 cães e gatos examinados houve a confirmação de 88 animais positivos para raiva. A análise revela que a média anual de casos de raiva nesses pequenos animais era de 32,5 em 2000 e foi reduzida para 0,5 em 2015. Contudo, a partir do ano de 2006 houve uma sensível redução no número de animais submetidos a exames laboratoriais destinados à confirmação do diagnóstico de raiva, o que pode ter influenciado a redução constatada. A conclusão obtida é de que as medidas preventivas tomadas pelo poder público possibilitaram o controle da doença e deverão ser mantidas e consolidadas.